

15º Congresso de Inovação, Ciência e Tecnologia do IFSP - 2024

A psicologia de massas ontem e hoje: discussões preliminares e novas abordagens

Abraão Pustrelo Damiano¹

¹ Doutor em Sociologia, Professor do IFSP, Campus Barretos, e-mail: abraod@ifsp.edu.br.

Área de conhecimento (Tabela CNPq): 7.07.05.00-3 Psicologia Social

RESUMO: O Objetivo dessa pesquisa é fazer um exame crítico e descritivo, por meio de análise bibliográfica comparativa, do fenômeno da psicologia das massas. Inicialmente, descremos o conceito de psicologia das massas, desde sua origem, no século XIX, com a obra de Gustave Le Bon (1841-1931) “*Psicologia das Multidões* (1895/1980), e as discussões psicanalíticas de Sigmund Freud (1856-1939) sobre o tema em “*A Psicologia das Massas e a Análise do Eu*” (1924/2011), para, em seguida, discutir a temática das massas a partir da abordagem contemporânea do fenômeno feita pelo filósofo Byung-Chul Han (1959-) em seus trabalhos “*No Enxame*” (2018a) e “*Sociedade da Transparência*” (2018b). Com isso, pretendemos, comparativamente, propor novas sínteses teóricas capazes de aprofundar a compreensão do evento abordado.

PALAVRAS-CHAVE: Psicologia das Massas; Gustave Le Bon; Sigmund Freud; Byung-Chul Han; Neoliberalismo; Individualismo.

Mass psychology yesterday and today: preliminary discussions and new approaches

ABSTRACT: The aim of this research is to make a critical and descriptive examination, through a comparative bibliographic analysis, about the psychology of the masses. Initially, we describe the concept of psychology of the masses, since its origin, in the 19th century, with the work of Gustave Le Bon (1841-1931) “*Psychology of Crowds* (1895/1980), and the psychoanalytic discussions of Sigmund Freud (1856-1939) on the subject in “*The Psychology of the Masses and the Analysis of the Ego*” (1924/2011a), to then discuss the theme of the masses from the contemporary approach of this phenomenon brought by the philosopher Byung-Chul Han (1959-) in his works “*In the Swarm*” (2018a) and “*The Society of Transparency*” (2018b). With this, we intend, comparatively, to propose new theoretical syntheses capable of deepening the understanding of the event addressed.

KEYWORDS: Mass Psychology; Gustave Le Bon; Sigmund Freud; Byung-Chul Han; Neoliberalism; Individualism.

INTRODUÇÃO

Freud (2011a) aponta que a psicologia das massas é, antes de tudo, uma psicologia do indivíduo. Há uma dialética intransponível entre aquilo que tomamos como vida individual e vida coletiva. Não é possível medir, portanto, onde começa a influência de uma e termina a de outra ou a “fronteira” em que uma deixa de se referir a outra. Compreender o comportamento das massas psicológicas, nesse sentido, envolve também a compreensão dos comportamentos individuais.

Assim, nossa pesquisa, a partir dos autores consultados, busca entender as condições que levavam à formação das massas durante o final do século XIX e início do XX, tendo por base as obras de Freud e de Le Bon, para, comparativamente, entender as mudanças sociais e individuais por trás da formação das massas contemporâneas, desde o ponto de vista de Han. Com isso, conseguimos melhor

compreender o “ontem” e o “hoje” – em termos comportamentais – tendo como chave analítica a psicologia das massas.

Partimos do pressuposto, discutido de forma pormenorizada por esses autores, de que mudanças na estrutura da sociedade, especialmente na organização de suas instituições, trazem formações de massas psicológicas distintas (Han, 2018 e 2019). Nesse sentido, nossa pesquisa buscou contribuir para a compreensão de um fenômeno que, à despeito do arranjo individualista da sociedade contemporânea, ainda opera de modo frequente na sociedade neoliberal e, inclusive, é relevante, segundo Han, para sustentar o modo de produção capitalista em sua versão globalizada e digital.

MATERIAL E MÉTODOS

Metodologicamente, realizamos uma análise crítica e comparativa da bibliografia selecionada e de algumas teorias existentes sobre o tema, a fim de propor novas sínteses teóricas capazes de aprofundar a compreensão dos eventos abordados. Utilizamos, assim, as teorias de Freud e Le Bon sobre os paradigmas da sociedade moderna, desde o final do século XIX, para confrontá-las com as Han sobre a dinâmica da sociedade contemporânea e sua incompatibilidade com o modelo industrial, fordista, de produção.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Gustave Le Bon (1841-1931) foi o primeiro a discutir a questão dos “excitantes gregários” – o que Freud conceituou de instintos sociais – que levam à formação das massas, no clássico *Psicologia das Multidões* (1895/1980)¹. Segundo ele, tais excitantes estão presentes ao longo de toda vida quando partilharmos nossos momentos com familiares, amigos, tutores, etc., mas não são capazes de formar aquilo que a psicologia social chama de massa². A massa não é um simples conjunto de indivíduos, estar lado a lado não garante sua existência³. Só podemos falar em uma massa psicológica a partir do momento em que indivíduos juntos passam a sentir, pensar e agir de modo inteiramente distinto do que o fariam isoladamente. A massa, de tal maneira, comporta ideias e sentimentos que só podem existir dentro dela⁴.

Freud (2011, p.16), interpretando a obra de Le Bon afirma que a massa “determina nos indivíduos qualidades especiais que são inteiramente contrárias às do indivíduo isolado”. Portanto, “a psicologia de massas trata o ser individual como membro de uma tribo, um povo, uma casta, uma classe, uma instituição, ou como parte de uma aglomeração que se organiza como massa em determinado momento, para um certo fim” (Ibidem, p.11). Ou seja, “a condição para que se forme uma massa [...] é que esses indivíduos tenham algo em comum, um interesse partilhado num objeto, uma orientação afetiva semelhante em determinada situação e (eu acrescentaria: em consequência) um certo grau de capacidade de influenciar uns aos outros” (Ibidem, p. 25).

A massa, no entanto, é “guiada quase exclusivamente pelo inconsciente” (Le Bon, op. cit. p.17), sua forma de atuação está submetida “a influência de certos excitantes externos” – estímulos ou fatores – que determinam sua natureza. Sendo assim, a massa opera por meio de dispositivos psíquicos específicos.

Em primeiro lugar, ela promove “um desvanecimento das personalidades individuais”. Ao suspender as características singularidades de cada um de seus membros em nome de uma “alma coletiva”, a massa busca evitar um conflito deontológico entre a consciência moral de seus integrantes

¹ Resgatar as ideias do autor francês, assim, mostra-se importante para nossa discussão, não só pelo seu pioneirismo, mas, e, principalmente, por ser a obra mais debatida por Freud em *Psicologia das Massas e Análise do Eu* (1921/2011a) – que servirá de referência principal para nossas análises.

² Preferimos utilizar o termo massa ao invés de multidão ao longo do texto, a despeito da tradução que nos serviu de referência, pois acreditamos ser mais fidedigno ao original.

³ Em suas palavras, “do ponto de vista psicológico, a palavra multidão tem um sentido totalmente diferente. Em determinadas circunstâncias, e apenas nessas, um agrupamento de indivíduos adquire caracteres novos, bem diversos dos caracteres de cada um dos indivíduos que o compõem. A personalidade consciente desvanece-se e os elementos e as ideias de todas as unidades são orientados numa direção única. Forma-se uma alma coletiva, sem dúvida transitória, mas que apresenta caracteres bem definidos. A coletividade transforma-se então no que, à falta de expressão mais adequada, chamarei uma multidão organizada ou, se preferirem, uma multidão psicológica. Passa a constituir um ser único e fica submetida à lei da unidade mental das multidões” (Le Bon, 1980, p. 10).

⁴ O nacionalismo, os impulsos belicosos durante uma guerra ou uma revolução, o racismo ou o ódio deliberado contra um grupo étnico ou a defesa de ideais políticos, como a democracia e a justiça social, são exemplos desse tipo.

e seu(s) objetivo(s). O adiamento da consciência moral – do Supereu, em termos freudianos – funciona como mecanismo para aumentar a sugestibilidade dos indivíduos na massa⁵, engendrado aquilo que Le Bon chama de “contágio mental”, a partir do qual as ideias e emoções se propagam rapidamente entre esses sujeitos, homogeneizando seus pensamentos e seus comportamentos. E quanto maior a reciprocidade das ações individuais em prol do coletivo maior a coesão da massa, mais ela vai reter ou deter, se se preferir, a autonomia individual, fazendo com que os indivíduos ajam em sua defesa⁶.

O problema é que as massas, justamente por seu caráter inconsciente, são entes provisórios, diversos e móveis, tal como os excitantes que a constituem⁷. Isso gera uma tensão permanente entre a coesão da massa e sua dissolução, o que dificulta qualquer massa que não esteja profundamente arraigada em tradições duradouras – como as religiosas, étnicas ou nacionais – de serem longevas. O senso de pertencimento e unidade, que são a base da “alma coletiva”, assim, podem se deslocar – de forma impulsiva e instável – na direção de outros objetos, fazendo com que o objetivo que unia a multidão deixe de ser relevante, produzindo desacordos ou divergências que podem levar à sua fragmentação ou desaparecimento.

Freud (2011) concorda em muitos aspectos com a visão de Le Bon, especialmente por ele creditar o caráter de inconsciente às massas. No entanto, ele chama a atenção para o fato de o autor francês limitar-se ao aspecto descritivo do inconsciente em sua conceituação da psicologia das massas e não aprofundar, com isso, os aspectos psicanalíticos do fenômeno. Assim, enquanto Le Bon descreve o surgimento e a manutenção da massa a partir do desvanecimento das personalidades e da diminuição dos aspectos críticos conscientes do indivíduo, que levam a um “contágio mental” via sugestibilidade, Freud busca colocar em destaque a teoria da libido para compreender o fenômeno das massas. Segundo ele, é o efeito gregário do instinto de vida (Eros) que nos impulsiona a superar o narcisismo individual e os instintos agressivos em nome da união com outros indivíduos.

Isso significa que “os sinais percebidos de um estado afetivo são apropriados para despertar automaticamente o mesmo afeto naquele que percebe. Esta coação automática torna-se tanto mais forte quanto maior for o número de pessoas em que pode ser notado simultaneamente o mesmo afeto (Freud, 2011, p.25-6). Esse reforço afetivo opera, por sua vez, para tornar as normas sociais e as repressões mais flexíveis aos olhos dos indivíduos. “Os impulsos emotivos mais simples e grosseiros têm maior perspectiva de alastrar-se desse modo numa massa” (Ibidem). Em outras palavras, a massa proporciona um ambiente onde os indivíduos sentem menos pressão para suprimir seus desejos e impulsos inconscientes, na medida em que a responsabilidade e a culpa individual são diluídas na coletividade, e a identificação com o grupo reforça uma sensação de anonimato e de impunidade.

Nesse sentido, em uma massa, os indivíduos são mais propensos a agir de acordo com seus instintos primários do que o fariam se estivessem sozinhos, pois a influência da massa pode fazer com que as repressões que normalmente contêm esses impulsos sejam temporariamente suspensas, permitindo que comportamentos reprimidos emergam. Essa dinâmica não deixa de ser perigosa já que a liberação dos instintos inconscientes pode levar a ações irracionais, violentas ou destrutivas, que não seriam realizadas sob condições normais de autocontrole e repressão. Esse fenômeno implica que as emoções e os comportamentos – de um membro da massa – podem ser facilmente adotados pelos outros, criando um ambiente em que sentimentos e ações se espalham rapidamente e se intensificam mutuamente. A consequência disso é que os indivíduos tendem a agir de forma mais homogênea e menos crítica, na massa.

Além disso, a pressão do grupo e a necessidade de conformidade fazem com que as pessoas sejam mais propensas a colocar de lado seus interesses e desejos pessoais em favor dos objetivos e das emoções da massa. Essa tendência pode ser explicada pela forte identificação do indivíduo com o grupo, onde a identidade e os valores pessoais se fundem temporariamente com os da massa. Isso ocorre porque

⁵ “Por muito neutra que a julguemos, a multidão encontra-se quase sempre num estado de atenção expectante que favorece a sua capacidade de se suggestionar (Le Bon, 1980, p. 19).

⁶ Nas palavras de Le Bon (op. cit. p. 15), “o desaparecimento da personalidade consciente, o predomínio da personalidade inconsciente, a orientação num mesmo sentido, por meio da sugestão e do contágio, dos sentimentos e das ideias, a tendência para transformar imediatamente em atos as ideias sugeridas, são, portanto, os principais caracteres do indivíduo em multidão”.

⁷ Diz Le Bon (op. cit. p. 17): “As multidões são extremamente móveis porque são muitos os excitantes capazes de as suggestionar e porque elas lhes obedecem sempre. Assim, vemo-las passar, de um momento para o outro, da ferocidade mais sanguinária à generosidade ou ao heroísmo mais absoluto. A multidão torna-se com facilidade carrasco, mas com a mesma facilidade se faz mártir. Foi do seu seio que sempre correram os rios de sangue exigidos pelo triunfo de todas as causas”.

a massa oferece uma sensação de pertencimento e uma validação emocional que podem ser muito poderosas, suprimindo os instintos de autopreservação em favor de uma unidade coletiva.

Importante destacar que as massas não escapam da ambivalência da vida psíquica. “Nas massas as ideias opostas podem coexistir e suportar umas às outras, sem que resulte um conflito de sua contradição lógica” (Freud, op. cit. p.20), pois “as multidões nunca tem sede de verdade. Diante de evidências que lhes desagradam, viram as costas e preferem divinizar o erro, se ele as seduzir” (Le Bon, op. cit. p.56). Sem cobiçar a verdade, o que vale para ela não é a realidade objetiva comum, mas a realidade psíquica, e esta, como a psicanálise demonstrou, é cheia de fantasias, não possui culpa, remorso ou contradições, quer satisfazer-se. “Como no sonho e na hipnose, na atividade anímica da massa a prova da realidade recua, ante a força dos desejos investidos de afeto (Freud, op. cit. p.21). E nessa teatralidade alegórica que mistura fantasia com realidade, a massa anseia por orientação, por um “diretor” que guie os personagens da peça, e nessa passividade ela torna-se “um rebanho dócil, que não pode jamais viver sem um senhor. Ela tem tamanha sede de obediência, que instintivamente se submete a qualquer um que se apresente como seu senhor” (Ibidem). Assim, “quem a souber iludir, facilmente será seu senhor; quem a tentar desiludir, será sempre a sua vítima” (Le Bon, op. cit. p.56).

Portanto, o que a massa exige de seus líderes é força, até mesmo que sejam violentos se assim for necessário, contudo, e o mais importante, a massa roga que seu líder seja tão fanatizado e crédulo quanto ela deseja ser. Nas palavras de Freud (op. cit. p. 21), “ele próprio {o líder} tem de estar fascinado por uma forte crença (numa ideia), para despertar crença na massa; ele tem de possuir uma vontade forte, imponente, que a massa sem vontade vai aceitar”. Do líder também deve emanar um “prestígio” próprio. “O prestígio é uma espécie de fascínio que um indivíduo, uma obra ou uma doutrina exercem sobre o nosso espírito. É um fascínio que paralisa todas as nossas faculdades críticas e nos enche a alma de admiração e respeito [...] é a mola real de toda a dominação” (Le Bon, op. cit. p.67)⁸.

Enquanto Freud e Le Bon nos oferecem uma perspectiva sobre a psicologia das massas em uma sociedade do final do século XIX e início do século XX, Han examina o fenômeno das massas a partir das dinâmicas sociais oriundas de uma sociedade organizada em torno da lógica neoliberal – uma sociedade imersa em uma cultura de excessos, permeada por um individualismo exacerbado, uma produtividade abundante e um desempenho descomedido dos indivíduos – que se consolida a partir da década de 1990, nos países capitalistas do ocidente, e tem seu *locus* principal à formação das massas nas tecnologias digitais e nas redes sociais.

No livro “*No Enxame: Perspectivas do Digital*” (2018a), o autor sul-coreano destaca que “o enxame” neoliberal, formado por indivíduos em rede, não constitui uma verdadeira massa psicológica no sentido destacado por Freud e Bon. Diferentemente de uma massa ou uma multidão tradicional, o enxame é composto por indivíduos atomizados que agem de forma relativamente autônoma, sem uma coesão significativa. Cada membro do enxame opera de maneira individualista, focado em si mesmo, ainda que participe de uma dinâmica coletiva. Isso ocorre porque no enxame não há uma narrativa unificadora ou um propósito comum que guie os indivíduos. Não há um “nós”, mas um “eu” multiplicado. Com isso, as interações dentro do enxame tornam-se fragmentadas e superficiais, ligadas por interesses momentâneos e sem uma continuidade histórica ou comunitária.

Outra diferença das massas analisadas por Freud e Bon em relação às atuais é que a comunicação digital promove uma cultura da “imunidade”, onde os indivíduos, embora conectados, permanecem protegidos em suas bolhas pessoais. Eles não abrem mão de sua subjetividade como nas massas tradicionais. Eles querem participar, mas sem perder a singularidade. No fundo desejam ligar-se, porém sem profundidade, anseiam, nas palavras de Han, “nadar em piscinas rasas”, onde tudo é transparente e límpido, onde pode-se sair na mesma velocidade em que se entra, pois no mundo digital, a informação é consumida rapidamente e logo substituída por outra, criando um ciclo incessante de novidade e descartabilidade, contribuindo, com isso, para a superficialidade das relações e para a falta de engajamento duradouro. Disso decorre, por sua vez, a dificuldade de o enxame criar uma liderança clara ou uma direção específica. Ele se move de forma caótica, sem orientação, respondendo a estímulos momentâneos sem seguir uma agenda ou propósito claro. Isso contrasta com a ideia de uma massa ou multidão tradicional, que frequentemente segue líderes ou ideologias.

⁸ Existem duas formas essenciais de prestígio: “o prestígio adquirido e o prestígio pessoal. O prestígio adquirido é aquele que provém do nome, da fortuna ou da reputação. Pode ser independente do prestígio pessoal. Este, pelo contrário, constitui algo de individual, susceptível de coexistir com a reputação, a glória e a fortuna, ou ser fortalecido por elas, mas que pode perfeitamente existir de modo independente” (Le Bon, p.67).

Han discute melhor essas ideias na obra “*Sociedade da Transparência*” (2018b). Segundo ele, a transparência excessiva da sociedade contemporânea desempenha um papel crucial na dificuldade de formar massas psicológicas, como era possível no passado, já que a cultura digital, com sua obsessão pela visibilidade e pela exposição, promove a atomização e a individualização. Ao incentivar a exposição contínua, as redes reforçam uma cultura do “eu” em detrimento do “nós”, impedindo a formação de massas psicológicas a partir da diminuição de um senso coletivo capaz de unir os indivíduos em torno de uma causa ou sentimento comum. Ou seja, a cultura da transparência, que expõe tudo e todos, enfraquece a capacidade de identificação e de criação de um “inconsciente coletivo”, essencial à formação de massas.

Esses aspectos levam Byung-Chul Han a concluir que a sociedade contemporânea, com sua obsessão pela transparência e pela exposição, dificulta significativamente a formação de massas psicológicas, como as que existiam no passado. Em vez de coletivos coesos e emocionalmente unidos, a sociedade atual se fragmenta em indivíduos isolados, expostos e atomizados.

CONCLUSÕES

Ao comparar as obras de Freud e Bon com as de Han foi possível revelar diferenças fundamentais na compreensão da dinâmica social e do comportamento coletivo, influenciadas pelos contextos históricos e culturais de cada autor. Enquanto Freud e Bon, escrevem suas obras em um contexto marcado por grandes movimentos de massa, como revoluções, guerras e o surgimento de líderes carismáticos, e suas análises estão enraizada em um período em que as massas tinham um papel central na política e na sociedade, Han escreve em um contexto caracterizado pela digitalização, pela transparência excessiva e pela individualização. Sua análise reflete as mudanças trazidas pelas tecnologias digitais e pelas redes sociais, que transformaram as formas de interação e de organização social.

Ao passo que, sobretudo Freud, descreve as massas como grupos de indivíduos que, ao se identificarem com um líder carismático ou uma ideia comum, perdem parte de sua individualidade e racionalidade, Han observa o desejo excessivo por individualização na sociedade contemporânea que se revela na dificuldade de “se entregar” a lideranças populares ou ideologias universalistas. Além disso, nas massas freudianas, os indivíduos são movidos por desejos inconscientes, fantasias e paixões, que os fazem agir de forma coletiva, mas muitas vezes irracional, enquanto, na era da transparência e da comunicação digital, o “inconsciente coletivo” perde força. A exposição constante e a falta de opacidade suprimem as emoções profundas e as identificações inconscientes, enfraquecendo a possibilidade de formar massas emocionais e coesas.

Em linhas gerais, à medida que Freud e Bon veem as massas como coletivos que diluem a individualidade em favor de um sentimento de unidade e força coletiva, a fusão do “eu” no “nós”, Han enfatiza a tendência à individualização da sociedade contemporânea. O “enxame”, descrito por ele, não perde a individualidade, mas opera como uma coleção de indivíduos isolados e atomizados, que permanecem focados em si mesmos, ainda quando interagem dentro de uma dinâmica coletiva.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

O autor foi responsável pelo recebimento do financiamento e pela pesquisa e análise bibliográficas dos resultados expostos.

AGRADECIMENTOS

Ao Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) pelo financiamento da pesquisa.

REFERÊNCIAS

BON, Gustave Le. **Psicologia das Multidões**. Trad. Ivone Moura Delraux. Coleção Pensadores. Lisboa: Edições Roger Delraux, 1980. Disponível em: <https://archive.org/details/LEBONGustave.PsicologiaDasMultidoes/page/n7/mode/2up>.

FREUD, Sigmund. **A Psicologia das Massas e a Análise do Eu**. Trad. Paul César Souza. Companhia das Letras, São Paulo, 2010.

HAN, Byung-Chul. **No Exame: Perspectivas do Digital**. Trad. Lucas Machado. Editora Vozes, Petrópolis, 2018a.

_____. **Sociedade da Transparência**. Trad. Enio Paulo Giachini. Editora Vozes, Petrópolis, 2018b.